

Reconstruir o PCB

CARTA DE PRINCÍPIOS DA PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA

São Paulo, novembro de 1990

INTRODUÇÃO

A busca da renovação tem sido a marca fundamental dos anos 90, tanto do ponto de vista internacional quanto do Brasil. A crise no Leste Europeu, o fim da bipolarização entre EUA e URSS, a nova mentalidade nas relações internacionais, a expectativa de uma nova era que leve à contenção da corrida armamentista, a provável conversão de amplos setores da indústria militar para a produção civil, além da perspectiva de um socialismo com nova imagem, são fenômenos que merecem uma profunda reflexão das forças progressistas, democráticas e de esquerda do mundo inteiro.

Ao lado destas questões novas, continuam existindo velhos problemas crônicos, especialmente no Terceiro Mundo. Entre os quais destacam-se a miséria de milhões de seres humanos, o analfabetismo, o desemprego, as precárias condições de saúde, o desamparo à infância e à velhice, a dramática situação habitacional, entre outros. Nas relações entre o Primeiro e o Terceiro Mundo pontifica o comércio desigual, a imposição de políticas ortodoxas, a depreciação dos preços das matérias-primas e o pagamento de juros extorsivos por conta da dívida externa. Estas são questões que merecem respostas urgentes e que não poderão ser resolvidas com a integração subordinada da economia em desenvolvimento como quer o projeto neoliberal.

Realmente, diante de um mundo em processo de mudança e da continuidade dos crônicos problemas do capitalismo, todas as forças que tenham como objetivo a conquista de uma sociedade mais justa, mais humana e fraterna, especialmente o nosso Partido, com suas quase sete décadas de luta pela libertação de nosso povo, devem realizar uma verdadeira reciclagem teórica, afim de compreender essa nova situação e elaborar um projeto alternativo para o País, capaz de sensibilizar os trabalhadores da cidade e do campo, a juventude e a intelectualidade avançada. Em outras palavras, é necessário a formulação de uma nova estratégia e tática da revolução brasileira, que corresponda às necessidades reais do País hoje, sem os dogmas e estereótipos que caracterizaram grande parte de nossa elaboração no passado.

Em certo sentido, já avançamos em alguns elementos teóricos desse quadro novo. Há alguns anos os comunistas definiram claramente sua opção pela democracia, entendendo-a como valor estratégico tanto na luta contra o capitalismo, quanto na construção da nova sociedade socialista. No entanto, essa formulação teórica correta para os novos tempos do mundo em que vivemos, pode se tornar uma bandeira bastante genérica (utilizada como panacéia por oportunistas de todos os naves), se não aprofundarmos de maneira plena todo o seu conteúdo, nem indicarmos claramente as premissas necessárias bem como os instrumentos políticos dessa democracia, de forma a nortear comunistas e aliados sobre as formas de luta que deverão travar para conquistá-la.

Outra formulação, esta ainda bastante incompleta, é a nossa opção firme e decidida pelo socialismo, como democracia social, política e econômica, satisfação plena das necessidades dos seres humanos, além do controle social dos meios de produção como elemento fundamental da nova sociedade. A aposta num socialismo como um projeto mais generoso e humano conhecido até hoje, é um elemento imprescindível para a luta ideológica que deveremos travar com os nossos inimigos de classe, ao mesmo tempo, um elemento de firmeza moral para a ação cotidiana na militância.

No entanto, ainda nos faltam muitos elementos teóricos para a compreensão do nosso País e do mundo. Nesta Carta de Princípios procuraremos apontar as principais formulações que conseguimos acumular até agora e, com a discussão que estas teses irão proporcionar no seio do Partido, com certeza chegaremos ao nosso Congresso com um projeto bastante próximo do ideal para o Brasil. Estamos agrupando, em blocos de idéias, a Carta de Princípios, a fim de não só tornarmos mais claro o que pensamos, como também facilitarmos a sistematização das nossas propostas, de modo a incorporar ao nosso acervo teórico as ricas mudanças qualitativas e quantitativas que ocorrem hoje no nosso País e no mundo.

Esse esforço teórico, todavia, não poderá ser feito se não ajustarmos de maneira profunda as nossas contas com o passado, realizando um balanço autocrítico sincero de nossas atividades, de forma que possamos avaliar corretamente os erros e acertos e construir, a partir dessa experiência, novas bases e novos métodos de atuação política. Não se trata, evidentemente, de jogar pedras contra o nosso passado, mas de encará-lo de frente, compreendendo que a nossa história é única — feita de heroísmos, de lutas, de vitórias, mas também de erros crassos, de intolerância, de mesquinha, de pequenos golpes e muitas derrotas. Nesse sentido só uma autocrítica radical nos dará os elementos necessários para repensar os nossos passos futuros, resgatar o prestígio do nosso Partido, suas tradições revolucionárias e, principalmente, seu compromisso com a luta pelo socialismo.

Finalmente, queremos enfatizar que acreditamos que o marxismo continua com um vigor fecundo imenso, sendo portanto a mais criadora fonte de inspiração e o método de análise mais científico a nortear os revolucionários. Queremos também afirmar que o nosso movimento vai procurar se organizar no País inteiro e buscar a reconstrução do PCB, de forma a criar um Partido aberto aos novos tempos, renovado e democrático, capaz de galvanizar o pensamento avançado e propor alternativas reais para a transformação do Brasil.

A CRISE DO SOCIALISMO

Os comunistas que se organizam na PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA compreendem perfeitamente que o momento é difícil para as forças progressistas, democráticas e de esquerda em todo o mundo e, particularmente no Brasil. A crise nos países do Leste Europeu tem deixado excitados e agressivos os setores reacionários do mundo capitalista e ofuscados e de moral baixa companheiros da nossa esquerda, inclusive muitos comunistas. Estamos assistindo uma violenta ofensiva dos conservadores de todos os matizes e de seus poderosos meios de comunicação, com o objetivo de desmoralizar o sonho socialista. Sabemos que esse esforço tem uma meta bastante concreta: desacreditar as forças progressistas e levá-las ao desânimo, à desorientação, à perplexidade, à paralisia e, assim, perpetuar por muito mais anos essa sociedade injusta, egoísta e desumana em que vivemos.

Também vemos com bastante estranheza a maneira como muitos companheiros comunistas abordam esta crise. Enquanto todos os que lutam por um mundo melhor e mais feliz torcem para que as complexas mudanças que estão em curso na Europa Oriental tenham como saldo um socialismo qualitativamente novo, com mais democracia, mais consumo, mais liberdade cultural e artística maior controle dos trabalhadores na gestão da produção, esses companheiros parecem sentir uma incontida euforia a cada dificuldade que surge, como se o socialismo fosse uma causa fracassada, pronta para ser jogada na lata do lixo. Um comportamento desse tipo é nocivo não só a exata compreensão da crise como também à causa socialista.

Estamos diante de um quadro realmente difícil, tendo em vista que, ao contrário de passado, quando combatíamos cegamente qualquer crítica aos assim chamados países do socialismo real, agora somos obrigados a realizar uma autocrítica em relação ao passado (pois, como internacionalistas, somos parte do movimento socialista mundial) e, ao mesmo tempo, combater a reação que, aproveitando-se das dificuldades nesses países, procuram transformar o capitalismo num regime eterno, como se a trajetória humana em sua luta pela felicidade estivesse chegando ao fim e estivessemos todos condenados a viver eternamente num sistema onde a particularidade central é a exploração de um ser humano por outro.

Além disso, temos que travar o combate em nossas próprias fileiras com companheiros que perderam a perspectiva do socialismo, abandonaram o barco da luta de classes e parecem que estão dispostos a conviver domesticamente com a burguesia, pois fazem as mais pitorescas formulações para apresentar o capitalismo como um sistema essencialmente positivo. Trata-se, portanto, de uma tarefa difícil, mas temos segurança, firmeza e serenidade, pois sabemos que os revolucionários foram formados para resolver problemas difíceis e, além disso, temos profunda confiança de que nosso futuro será socialista.

Antes de tudo, é necessário ressaltar que conhecemos e criticamos com firmeza os erros e desvios cometidos pelos regimes stalinistas e avaliamos que contribuíram para que os nossos inimigos de classe propagassem uma imagem negativa do socialismo. Também acreditamos que essas transformações se reproduziram intensamente no interior de nosso Partido. No entanto, rejeitamos o negativismo primitivo dos que renegam tudo que foi feito de correto e justo naqueles países. Não é justo esquecer que a luta nesses países, hoje se dá a partir de um patamar superior, onde os problemas materiais básicos já foram resolvidos. Em outras palavras, os erros cometidos pelos dirigentes stalinistas não podem justificar os crimes sociais que o capitalismo vem cometendo diariamente contra a humanidade. Ou seja, as deformações não podem de maneira alguma justificar a fome, a miséria, o desemprego, a violência, o egoísmo e a opressão de povos e nações que caracterizam o sistema capitalista.

AS RAÍZES DO PROBLEMA E AS PERSPECTIVAS DO SOCIALISMO

Como entendemos a crise e que perspectivas vislumbramos para a luta pelo socialismo? Nós, da ESQUERDA SOCIALISTA, entendemos que esta questão geralmente é apresentada de maneira desfocada e distorcida nos meios de comunicação, e que é natural, tendo em vista que representam a opinião dos seus proprietários e da burguesia. Acontece, também, que entre a esquerda o debate se processa de maneira emocional: procura-se nas discussões muito mais desmoralizar o adversário (ou grupo, ou partido) do que realmente entender as raízes do fenômeno, a gênese do problema. Não se trava uma discussão no sentido de, a partir dela, buscar entender melhor a realidade, mas para se impor enquanto força política.

Para nós, as raízes da crise estão, uma parte, nas próprias condições em que se deu o processo

de construção do socialismo, e a outra nos desvios, erros e deformações cometidos coletivamente pelas vanguardas desses países, com a omissão do movimento comunista internacional. Vamos analisar esse processo tendo como palco central a União Soviética, que é o posto de observação mais completo e do qual derivou os outros modelos. Todos devem lembrar que o socialismo começou a ser construído num país arrasado, que tinha perdido a Primeira Guerra Mundial. Logo depois da revolução de 1917 veio a guerra civil, onde boa parte dos recursos humanos e materiais foram desperdiçados. A reconstrução do País em novas bases foi difícil: somente em 1930 atingiu-se o patamar de desenvolvimento de 1913. Todos devem também recordar-se que, a partir de 1930, o nazismo começa a ganhar força no mundo. Com a subida de Hitler ao poder a URSS foi obrigada a fazer uma dura opção pela indústria bélica e pesada, uma vez que se avaliava que o objetivo principal dos nazistas era varrer o socialismo da face da terra.

Foi uma opção correta, mas com terríveis custos sociais. Primeiro realizou-se a coletivização forçada no campo, instrumento pelo qual se tornou mais fácil a transferência de recursos para financiar a então indústria nascente, mas com a perda de milhares de vidas. Segundo, diante das prioridades estratégicas, em função da defesa, relegou-se a um segundo plano a implementação da indústria de bens de consumo e de um setor de serviços dinâmicos. Necessário lembrar ainda que a montagem da pirâmide industrial, em tempo recorde, não poderia ser feita sem uma centralização rígida dos recursos financeiros, materiais e humanos e a instituição de um aparelho burocrático que procurou cumprir rigorosamente as metas estabelecidas, impedindo qualquer correção de rumos. Assim, foi se estratificando quase que naturalmente um sistema de administração e comando, necessário no período emergencial, mas inteiramente injustificável em condições de normalidade.

Como se sabe, a Segunda Guerra Mundial foi um episódio doloroso para a nação socialista. A invasão nazista deixou atrás de si milhares e milhares de cidades arrasadas, bem como destruída grande parte da infra-estrutura produtiva. A União Soviética perdeu na guerra milhões de quadros técnicos e boa parte da juventude: no total foram 20 milhões de mortos. Para se ter uma idéia comparativa da situação, é importante verificar que o território dos EUA, por exemplo, um dos vencedores da guerra, não foi atingido por nenhuma bomba ou qualquer disparo do inimigo. Também é necessário lembrar que o maior esforço de guerra coube à URSS, tanto que foi a batalha de Stalingrado que decidiu a sorte dos nazistas. A partir dessa derrota, as forças Hitlerianas foram perdendo batalha após batalha, até se renderem em 1945.

Na reconstrução do pós-guerra, os soviéticos foram obrigados a fazer opção semelhante à de 1930, ou seja, reconstruir rapidamente o País, agora num clima de Guerra Fria e sob constante ameaça das forças capitalistas. Novamente se privilegiou a indústria bélica, a indústria pesada e um desenvolvimento extensivo, este último para satisfazer as necessidades materiais básicas da população e a reconstrução do País. O processo de centralização deu novamente resultados rápidos: a URSS foi reconstruída, conseguiu-se a paridade militar com as potências capitalistas e até deu-se a partida à frente na corrida espacial. Ora, à medida em que foi conseguida a paridade militar, era chegado o momento da virada. Hoje percebe-se claramente que a partir desse momento devia-se passar para uma fase qualitativamente nova do socialismo, uma completa inversão das prioridades, onde o centro fosse a satisfação das necessidades materiais do povo soviético, a democratização da vida interna, de forma a tornar o socialismo um regime superior em todos os pontos, ao capitalismo. Não se pode esquecer, todavia, que de 1930 até o pós-guerra, o regime socialista foi testemunha de uma luta interna fratricida, conduzida de maneira truculenta por Stalin. Violou-se a legalidade socialista, assassinou-se e prendeu-se milhares e milhares de comunistas, inclusive boa parte da velha guarda bolchevique, cujos integrantes hoje estão sendo reabilitados pela perestroika e glasnost. Nada pode justificar estas atrocidades, nem mesmo as complexas condições históricas desse período. A luta de idéias deve ser travada com idéias e não com balas ou fuzilamentos de camaradas. Esses crimes contribuíram para prejudicar a imagem do socialismo e associar a trajetória dos comunistas ao totalitarismo.

O XX Congresso do PCUS realizou uma autocrítica desse processo. Denunciou os crimes e atrocidades do período em que Stalin esteve à frente do poder, e até iniciou timidamente uma série de reformas políticas e econômicas, mas que não foram encaminhadas com firmeza. Mesmo no período da TROIKA (Breznev, Podigorny e Kosigwin) ainda foram tentadas reformas na área econômica, mas também sem grande sucesso. Pode-se dizer que foi um período de possibilidades perdidas. Hoje se percebe com clareza que estas reformas falharam porque estavam desvinculadas da democratização real da sociedade. Por isso, os ideólogos das mudanças em curso na URSS afirmam que sem glasnost (democracia) não há perestroika (reformas) e sem perestroika não há glasnost. Ou seja, a democracia e a participação popular são imprescindíveis para o sucesso da reconstrução do socialismo.

Atualmente a URSS vive um processo bastante complexo. Enquanto as forças comprometidas com o socialismo com nova cara buscam encaminhar o País nesse rumo, forças anti-socialistas, internas e externas, procuram de todas as maneiras sabotar o processo de renovação, buscando com

isso a restauração do capitalismo no País. Nós acreditamos que, apesar da complexidade do momento, o povo soviético, que realizou a primeira revolução socialista da história, encontrará forças suficientes para derrotar a contra-revolução interna e externa, que a cada dia se torna mais ousada, e encaminhar a prática socialista a um novo patamar, de forma a tornar novamente a União Soviética a referência e o pólo catalisador e inspirador do movimento socialista mundial.

Queremos deixar bem claro que somos radicalmente contra a volta ao passado capitalista em qualquer País da Europa Oriental, bem como o retorno aos valores burgueses como solução para os problemas da humanidade. Primeiro, porque sentimos na pele a crueldade do sistema capitalista, o egoísmo a que este leva, a miséria humana, a alienação, o individualismo. Segundo, porque a experiência da Polônia, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, nesse pequeno período de implantação de medidas capitalistas na economia, tem obtido como resultado uma série de fenômenos crônicos que se observam no Terceiro Mundo, a região de maior pobreza do planeta. Na Polônia, por exemplo, o novo regime já levou ao desemprego mais de um milhão de trabalhadores, na Alemanha, cerca de 600 mil, na Checoslováquia 300 mil e assim por diante. Isso é apenas a ponta do iceberg de problemas sociais graves que certamente irão aparecer nessas sociedades. Esperamos que o preço a ser pago por essa opção equivocada seja o mínimo possível e que bem antes do que se imagina os trabalhadores voltem a se indignar contra a opressão e conquistar de vez o verdadeiro socialismo.

A CRISE DO PCB

Nosso Partido vive hoje o momento mais dramático de sua história, não só em função da crise na Europa Oriental e sua repercussão no Brasil, mas principalmente em consequência de sua própria crise de identidade. Não se trata de problemas vividos em períodos anteriores, como as dissidências de 1962, 1967, a saída de Prestes ou do grupo dos 11 em São Paulo: agora o que está em jogo é a própria existência do Partido como organização marxista revolucionária. Essa crise vem se desenvolvendo de maneira desagregadora em todo o País, inclusive estimulada por membros da Comissão Executiva Nacional, e o conjunto da Direção, em vez de buscar saídas ou dar respostas à altura, apontar caminhos, o que demonstra é uma singular imobilização e paralisia diante da situação. Enquanto isso, a militância assiste perplexa e desorientada a ofensiva desses setores que, sob o manto de uma nebulosa modernidade, buscam a descaracterização do PCB, visando transformá-lo em mais uma organização social-democrata, que teria como meta apenas administrar de maneira mais competente o sistema capitalista.

Por que o nosso Partido, com uma tradição heróica de lutas em defesa do povo, está vivendo essa crise difícil? Por que o nosso Partido, o único entre a esquerda a definir corretamente a tática de luta contra a ditadura (isso ainda em 1967) não é hoje a referência política da esquerda nem a vanguarda dos trabalhadores? Estas são questões delicadas e, por isso mesmo, merecem de nós uma análise rigorosa, de maneira que possamos ir ao âmago dos nossos problemas e, de forma sincera, avaliarmos os nossos erros e acertos procurando construir, a partir desse patamar, um novo PCB e novos métodos de intervenção na luta social e política. Não se trata, evidentemente, de jogar pedras contra o passado de maneira nihilista, esquecendo-se de todo o patrimônio construído ao longo de sua história, mas de recolher a experiência e redesenhar os nossos passos futuros, procurando unir corretamente a teoria revolucionária ao movimento real das massas em nosso País.

Muitos companheiros acreditam sinceramente que devemos debitar os nossos insucessos em várias frentes de massa à terrível repressão a que foi submetido o Partido na época da ditadura. De fato, uma parte da verdade reside exatamente nesta questão: o PCB foi o Partido que teve o maior número de presos e torturados pela repressão, inclusive um terço de seu Comitê Central foi assassinado. Além disso, só em 1985 obteve sua legalidade, enquanto outras organizações políticas já atuavam legalmente no País há pelo menos cinco anos. No entanto, não basta esse argumento para explicar o nosso declínio no movimento de massas e perda de influência na sociedade. Afinal, a experiência internacional nos mostra que muitos Partidos Comunistas, mesmo atuando nas mais severas clandestinidades, como o PC Português no período salazarista, e o PC Chileno, na ditadura Pinochet, conseguiram inserir-se nos movimentos sociais e, com a queda desses regimes, vieram à luz do dia influentes, numerosos e referencial dos trabalhadores.

Acreditamos que isso só foi possível porque esses partidos tiveram uma avaliação correta da realidade de seus países e aplicaram uma estratégia e uma tática correspondente a essa realidade, sem nunca abandonar as frentes de luta. Em nosso caso, avaliando com sinceridade podemos dizer que aconteceu exatamente o inverso. Regredimos em termos de influência política junto aos setores mais avançados de nosso povo, em particular junto à classe operária mais moderna e avançada. Perdemos também a influência que tínhamos junto à intelectualidade, à universidade, ao movimento estudantil e ao movimento de massa em geral. Além disso, somos obrigados a constatar uma dolorosa realidade: existe hoje mais comunistas fora do que dentro do PCB. O Partidão, de que tanto

nos orgulhamos e para quai milhares e milhares de companheiros deram de maneira generosa o melhor de sua existência, é hoje uma organização com pouca expressão social, eivada de uma luta interna doentia e fraticida, que precisa ser revertida rapidamente.

Uma outra ordem de problema na qual reside a centralidade de nossa crise está na dificuldade teórica e ideológica do Partido e, por responsabilidade de comando, da Direção Nacional, que não conseguiu avançar e compreender a nova realidade do País a partir da década de 70. Não conseguiu decifrar o novo País que surgia diante de nossos olhos, nem incorporar ao nosso acervo teórico as ricas mudanças quantitativas e qualitativas que se processara na estrutura sócio-econômica brasileira. Para se ter uma idéia, basta dizer que a classe operária dobrou entre 1970 e 1976 e que a partir daí o Brasil chegou à posição de oitava economia da parte capitalista do mundo. Tateando como míope sem óculos, a nossa direção não foi capaz de concentrar os esforços na organização dos trabalhadores dos setores mais dinâmicos da economia. Isso é tão verdade que as nossas lideranças operárias continuaram ligadas aos setores mais atrasados da produção. Dessa forma, quando irrompeu o movimento grevista no ABC, o Partidão não dirigia nenhum sindicato importante na região.

A tradução política dessas dificuldades pode ser formulada da seguinte forma: na prática, a nossa direção perdeu a perspectiva da revolução, o que demarcou o Partido para as lutas cotidianas do nosso povo. A conseqüência disso foi uma sucessão de graves erros políticos, pelos quais pagamos até hoje. A direção não compreendeu o princípio da **unidade** e da **luta**, principalmente à medida em que a ditadura começou a perder a sua base de sustentação político-social. Ao invés de priorizar a atividade partidária na organização das massas e vanguardamento de suas lutas, a fim de que com a pressão organizada dos trabalhadores, pudéssemos abrir maiores espaços para novas conquistas sociais, a Direção apostou tudo na política institucional de unidade (espécie de voluntarismo evolucionista), o que terminou nos isolando dos movimentos sociais. Como na política não existe vácuo, outras forças ocuparam o espaço dos comunistas e continuam até hoje liderando o processo de luta social no País.

O exemplo mais equívocado dessa política se deu por ocasião das greves do ABC, no final da década de 70. Naquela época, a Direção deveria ter mobilizado o Partido inteiro no apoio à greve, especialmente no que se refere à infra-estrutura (já que não possuía liderança grevista) mas o que ocorreu foi uma ação vacilante, dúbia, cheia de temor (isso inclusive está registrado com mais clareza num livro do então responsável sindical, hoje fora dos quadros partidários), pois a Direção temia que o movimento grevista levasse a um retrocesso institucional no País.

Essa orientação equivocada e ingênua vigorou até o VIII Congresso Extraordinário do Partido em 1988, sob a forma metamorfoseada de que não deveria apostar firme nas greves para não desestabilizar a democracia recém-conquistada tanto que fomos o último partido a deixar de apoiar o governo Sarney. Pagamos caro por esses erros. Afinal, que Partido Comunista é esse que morre de medo de greves? Que Partido Comunista é esse que é capaz de enxergar a importância da unidade das forças democráticas, mas não compreende que é exatamente a luta de classes que faz avançar a sociedade? Que Partido Comunista é esse que não trabalha para ser alternativa real de poder? Nesses equívocos e incompreensões estão as raízes dos nossos erros, mas em contrapartida indica o caminho pelo qual não deveremos mais trilhar.

Entendemos que o balanço autocrítico que estamos elaborando não deve ser visto como exercício de autoflagelação, mas como uma avaliação franca dos nossos problemas, a fim de que com esses ensinamentos o Partido possa sair dessa crise mais temperado, mais rejuvenescido e mais consciente, e que possa ser reconstruído em novas bases. Afinal não se pode realizar um projeto novo com roupa suja, nem com a cabeça velha. Nós da PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA estamos nos propondo a assumir, junto com a imensa maioria do Partido, especialmente a juventude e os companheiros do movimento sindical, o desafio da reconstrução de um PCB renovado, capaz de ser intérprete no Brasil de hoje (com sua complexidade, seus problemas e suas potencialidades) dos anseios dos trabalhadores.

A LUTA CONTRA O LIQUIDACIONISMO

Se os problemas que o Partido vinha enfrentando já eram graves, um conjunto de novas dificuldades vieram não só problematizar uma saída para a crise, como também colocar em cheque a própria existência do PCB. Um grupo de companheiros, com presença na Comissão Executiva Nacional e auxiliado de fora por setores da grande imprensa, interessados em desmoralizar a causa do socialismo, vêm defendendo, sob o manto de uma nebulosa "modernidade" e "renovação" uma série de teses que na prática significam não só a descaracterização do PCB como organização marxista, mas a sua própria liquidação. Esses companheiros vêm afirmando, cada vez mais ousadamente (e, sintomaticamente, com generosos espaços na imprensa), que o imperialismo é coisa do passado, que a luta de classe está em plano secundário e que o papel dos comunistas deveria ser o de "par-

ceiros conflitivos do capital", até mesmo porque "o capitalismo brasileiro é basicamente bom" (Folha de São Paulo 30/07/89). A partir desse entendimento propõem a mudança do nome do partido e sua auto-dissolução ou, mais precisamente, sua refundação.

Algumas dessas teses já foram derrotadas no processo de discussão para o Congresso, mas outras continuam contribuindo para a desorientação no interior do Partido. Até porque esses companheiros, para confundir, proclamam-se "renovadores", em luta contra o conservadorismo, o terceiro-mundismo e o marxismo leninismo. Trata-se, na verdade, de um diversionismo matreiro, pois as teses defendidas pelos companheiros refletem o que há de mais atrasado e mistificador no debate do PCB.

Do ponto de vista marxista, que é nosso campo de referência, as idéias defendidas por esse segmento do Partido significam, na prática, a perda da perspectiva no socialismo e uma tendência ao acomodamento diante do sistema. Para nós, eles estão batidos ideologicamente e não vêem outra saída senão abandonar o barco da luta de classes e conviver domesticamente com a burguesia. Ora, afirmar que o imperialismo não existe mais é não só uma pobreza ideológica franciscana, como também um notável desprezo aos povos oprimidos desse planeta. Como podem ignorar as invasões de Granada e do Panamá, o cerco à Nicarágua, o bloqueio à Cuba, isso para falar somente da América Latina. Como não percebem o domínio e a exploração das corporações transnacionais no Terceiro Mundo? Como não vêem a cruel exploração das nações em desenvolvimento através da vida externa?

Outra tese curiosa é a de que a luta de classes está hoje num plano secundário e que o papel dos comunistas deve se ater ao de "parceiros conflitivos do capital". Realmente, é preciso ter perdido completamente qualquer ligação ideológica com o marxismo para expor um argumento desse tipo. Ora, a luta de classes não pode ser extinta por decreto ou por simples e subservientes declarações à imprensa. Ela existe e continuará existindo porque no capitalismo uma classe está se apropriando dos frutos do trabalho de outra. Em outras palavras, enquanto existir explorados e exploradores a luta de classe, teimosamente, para desencanto de quem vive decretando sua extinção, continuará seu curso natural, até que uma nova sociedade, onde não exista a exploração de um ser humano por outro, seja instaurada. Do ponto de vista político, só mesmo quem já perdeu a sensibilidade diante das injustiças sociais, da exploração e da miséria em que vive o nosso povo, é capaz de reivindicar para um partido revolucionário o papel de coadjuvante da luta de classe.

Dessa forma, e com esse entendimento, não é de se estranhar a proposta de liquidação do PCB, ou melhor, a "refundação". Afinal, se é para "parceiro conflitivo do capital", não tem mesmo sentido a construção de um partido revolucionário, posto que não seria exatamente um Partido Comunista que iriam forjar o instrumento ideal para atingir seus objetivos. Existem aí na praça outros partidos com muito mais tradição e competência para realizar essa tarefa. Por isso, entendemos que a discussão sobre a mudança de nome, extinção de símbolo, etc, é apenas uma cortina de fumaça que esconde um objetivo maior: a liquidação do velho e querido PCB como alternativa real de poder e sua transformação num instrumento político dócil, gelatinoso e acomodado diante da burguesia.

Não é demais lembrar que existem no mundo vários Partidos Comunistas que se denominam "Partidos do Trabalho", "Partido Socialista", "Partido Popular", etc. Portanto, a questão não é se o PCB muda ou não de nome, mas é se muda **para que e com que objetivo**. Mudar por mudar, simplesmente para dar satisfação à reação, cheira a estelionato político, pois parte do pressuposto golpista de que as pessoas são tolas, ou seja, o Partido continua Comunista, mas nem tanto, porque agora está de sigla nova. Ou será que os companheiros estão querendo dizer que já não são mais comunistas e que o Partido não deve mais lutar pelo socialismo?

O PARTIDO E A DEMOCRACIA INTERNA

A luta por uma nova sociedade, para ser exitosa, requer também uma profunda renovação partidária, uma verdadeira revolução no interior do PCB, capaz de exorcizar os velhos fantasmas que atormentam o Partido ao longo de sua história. Torna-se necessário e urgente uma oxigenação nos métodos de direção, na democracia interna, bem como uma renovação radical dos seus quadros dirigentes. Só com uma ruptura dessa ordem poderemos construir um partido novo, competitivo, democrático e com inserção social, instrumento qualificado para direção do processo revolucionário no País.

Todavia não tem sido fácil a luta pela renovação do PCB: a velha burocracia, encastelada há décadas nos postos de direção superior, a cultura stalinista, os métodos mandonistas, o desprezo às bases, os pequenos golpes mesquinhos deste ou daquele grupo, tudo isso tem travado a modernização partidária. Do outro lado, existem também companheiros, com postos de mando na Comissão

Executiva Nacional, que não acreditam mais no Partido como instrumento organizador dos segmentos avançados da sociedade e impulsor do processo revolucionário. Alegam que o Partido dificulta a inserção do pensamento socialista entre as massas e, em contrapartida propõem a formação de "movimentos" amplos de massa em substituição ao Partido.

Para nós, da ESQUERDA SOCIALISTA, tanto a velha burocracia quanto os chamados "modernos" não passam de dois extremos de um mesmo equívoco. Os primeiros, incapazes de dar respostas concretas aos problemas de nosso País e de nosso povo, entrincheiram-se no imobilismo, na paralisia, no dogmatismo e nas pequenas manobras para se manter no poder. Com isso, burocratizam a vida partidária, emperram a iniciativa da militância, tripudiam sobre as bases e, para compensar sua importância, mantêm retórica ortodoxa, sectária, muito mais para manter o Partido sob seu controle, do que realmente para torná-lo instrumento da revolução social e política brasileira.

No segundo caso, com certeza bem mais grave, encontram-se os modernos de fancaria, que já não acreditam mais no Partido, já perderam a perspectiva do socialismo, tornaram-se sociais-democratas, mas não abandonam o velho Partidão — uns por oportunismo e outros porque acreditam que ainda podem ganhar a luta interna. Como já não têm compromisso nem com o Partido nem com o socialismo, utilizam-se de métodos ainda mais sujos que os da velha burocracia para ficar em evidência no Partido e na grande imprensa, afinal, para quem já não tem compromisso com nada, qualquer método é válido para tornar suas posições conhecidas. Ao negar o Partido, na prática estão privando o povo brasileiro do principal instrumento que deverá utilizar para a construção da nova sociedade.

Diante desse quadro, a ESQUERDA SOCIALISTA está procurando construir uma terceira via, radicalmente diferente do que vimos até agora. Até mesmo porque sabemos, por experiência de anos de militância, que em nossa história o **centralismo democrático, democracia interna, respeito às bases** nunca passaram de retórica, um pouco em função da clandestinidade, mas principalmente fruto do mandonismo burocrático que ainda impera no PCB. Temos claro que as condições nacionais e internacionais nos permitem ousar uma proposta de renovação radical do PCB — onde a democracia esteja no posto de comando, de baixo para cima.

Nestas vésperas do Congresso, a nossa militância, especialmente a mais jovem, mais ousada e mais disposta a lutar por essa mudança, deve entender claramente o seguinte: estamos vivendo uma oportunidade inédita em nossa história partidária e devemos aproveitá-la plenamente, sem vacilação ou temporizações. Ou se muda a fundo o Partido nesse Congresso, aproveitando os ventos de democracia que sopram internamente, em função da conjuntura internacional, ou a velha burocracia e os modernos de fancaria manobrarão novamente, como ocorreu no Congresso passado, e terminarão convivendo incestuosamente (nos excluindo, evidentemente) e seremos obrigados a lutar ainda por muitos anos para construir o Partido que queremos.

O NOSSO PROJETO PARTIDÁRIO

Que projeto partidário propõe a PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA? Queremos transformar o PCB num instrumento novo e qualificado para dirigir a revolução brasileira. Um partido combativo, renovado nos métodos, na maneira de agir, no relacionamento entre os camaradas e que busque a organização do nosso povo, o vanguardamento de suas lutas — nas fábricas, nos campos, nos bancos, nos escritórios, no comércio, nas escolas secundaristas, nas universidades, nos movimentos comunitários, no Parlamento. Um Partido que será educado na perspectiva da revolução social e política e na transformação da sociedade brasileira e, por isso, profundamente vinculado ao socialismo.

Um partido que, reconstruído, deverá buscar a reunificação dos comunistas e contribuir para a unidade das forças progressistas, constituída por todos aqueles que, mesmo não sendo socialistas, querem as transformações sociais no País. Um Partido que reconquistará a confiança de seus militantes e da massa por se portar como uma organização de homens e mulheres dedicados e honestos, profundamente indignados com o estado de miséria de nosso povo, com as injustiças e discriminações sociais. Um partido novo, que condena a arrogância e aprende com o povo nas lutas cotidianas e cujos membros põem o interesse da revolução acima dos interesses pessoais. Finalmente um partido solidário e fraterno, que não seja indiferente aos problemas de seus militantes, pois entende que o crescimento de cada um é necessário para o crescimento do coletivo.

Para tanto, deveremos ser um partido que exerça em plenitude a democracia interna, com transparência e ativa participação das bases. Como lutadores por uma nova sociedade, sabemos perfeitamente que o nosso grau de democracia interna poderá influir no grau de democracia da sociedade que queremos. Nesse sentido, deveremos passar por um intenso processo educativo, a fim de aprendermos não só a conviver com as divergências, mas saber colocá-las de maneira franca e fraterna. Devemos abolir a intolerância e ver a luta de idéias em nosso Partido como um fato natural e

saudável, um instrumento para melhor conhecimento da realidade e melhor atuação do Partido. Assim torna-se natural o processo de discussão interna, não havendo portanto a necessidade de esmagamento de companheiros com posições divergentes. Quanto mais dermos exemplos práticos desse novo modo de agir, muito mais rápido tornaremos apenas um exemplo do passado a luta interna sem princípios e as pequenas manobras despolitizadas.

Realmente, precisamos nos despojar dos elementos de sectarismo no qual fomos formados e que até hoje estão presentes em nossas mentes, procurando compreender que isso é fruto de um passado autoritário e da própria ideologia das classes dominantes, que diariamente nos bombardeia com seus meios de comunicação incentivando o egoísmo, o individualismo e as técnicas de levar vantagem em tudo. Com certeza, esse processo de dessectarização será bastante difícil, mas devemos fazer um grande esforço para criarmos dentro de nós mesmos e do Partido novos valores, novos comportamentos e novas formas de relacionamento entre camaradas. O Partido que queremos e vamos construir deve fazer uma opção radical pela direção coletiva, tornar vivo e criativo o trabalho das bases e atuar com transparência, elevando assim a uma nova qualidade a nossa vida orgânica.

No entanto, por não sermos ingênuos, sabemos que esse processo de reconstrução partidária não se dará da noite para o dia, nem se processará de maneira idílica, sem problemas e resistências. Mas de uma coisa todos poderão ter certeza: é necessário realizar essa experiência, testá-la no curso natural da vida, passá-la pelo critério da prática, e assim ir corrigindo as distorções, aperfeiçoando as experiências, até alcançarmos o patamar que estamos propondo.

GANHAR O PARTIDO PARA AS NOSSAS PROPOSTAS

Antes de tudo, porém, temos uma tarefa muito grande, sem a qual não poderemos sequer sonhar com esse Partido novo: organizar em cada núcleo, em cada zona, em cada cidade, em cada Estado a **ESQUERDA SOCIALISTA** e forjar uma nova hegemonia no Partido, de forma a sairmos vitoriosos no Congresso. Como sabemos, o futuro não cai do céu: deve ser construído por cada um de nós que concorda com as idéias que estamos expondo. Dessa forma, cada militante deve encaminhar o processo de discussão nos seus respectivos organismos e se eleger nas conferências de base, zonais, municipais, estaduais e delegação para o Congresso. Esse processo deve ser coordenado também por zonas, por cidade e por Estados, a fim de que, com a maioria dos delegados, possamos encaminhar o processo de reconstrução partidária e renovação de sua direção. Desde já devemos reivindicar um Congresso efetivamente democrático, (cada comunista um voto), onde estejam abolidas as práticas deformadoras da vontade da militância, o mandonismo e os conchavos de cúpula despolitizados, que só servem para ratificar o poder dos velhos burocratas e dos modernos de fancaria. Precisamos de uma renovação radical nas direções do PCB, especialmente no seu Comitê Central e na sua Comissão Executiva, para arejar e dar sangue novo ao Partido, de forma a que voltem novamente a ganhar a confiança e o respeito da militância.

Para que esse Congresso se processe num clima de transparência e democracia, defendemos a abolição das famigeradas **COMISSÕES DE CANDIDATURAS**, que na verdade sempre foram um instrumento de manipulação dentro do PCB. Defendemos também, em todas as instâncias, o direito de apresentação de chapas, com programa e candidatos para as respectivas direções, inclusive para o Comitê Central. Com o objetivo de garantir a presença das minorias nas direções, cada chapa que alcançar um mínimo de 20% dos votos, terá direito automático de compor a direção e, a partir daí, terá direito a um número de membros, na proporção dos votos recebidos. Esse processo garante uma unidade muito mais saudável do que as composições feitas a portas fechadas, sem o crivo do voto. Por falar em voto, reivindicamos que todas as direções, da base ao CC, seja eleita pelo voto secreto. Os mais votados compõem a direção.

Também achamos fundamental para a oxigenação partidária e para a nossa democracia interna a existência de tendências dentro do PCB. Está na hora de rejeitarmos a hipocrisia, pois todos sabemos que estas correntes existem e não se justifica bancar o avestruz, como se o problema não fosse real. Entendemos que, com a discussão organizada das idéias, será muito mais fácil o exercício do centralismo democrático do que continuar no velho e viciado sistema que existe atualmente. Cada corrente de opinião terá garantida a possibilidade de se expressar nos órgãos de comunicação partidária, o que evitará o controle autoritário das idéias dentro do Partido, como vem acontecendo atualmente com o jornal *Voz da Unidade*, que se transformou num porta-voz de uma facção do Partido. Essa discussão aberta possibilitará que o conjunto do Partido possa fazer sua opção política

com o conhecimento de causa, o que favorecerá muito mais o encaminhamento da decisão majoritária, afinal, quando todos participam fica muito mais fácil a unidade de ação. Os temerosos de que esse processo levem a traumas internos podem ficar tranquilos: o Partido Bolchevique fez a revolução soviética mantendo o direito de tendência, que só foi abolido em 1921, em função de circunstâncias muito especiais.

Esse é o desafio que cada companheiro, em cada pedaço do nosso País, tem pela frente. Se osarmos com firmeza enfrentar a inércia, o comodismo e o atraso que existe no Partido e soubermos convencer os companheiros de que existe algo de novo no interior do PCB, disposto a mudar a sua face, e encaminhar sua reconstrução a partir de dentro, com certeza daremos novo ânimo à militância, incorporaremos aqueles que se afastaram do Partido por falta de alternativa e criaremos uma nova hegemonia a partir das bases, resgatando assim as tradições revolucionárias do PCB, de forma a que cada comunista volte a ter orgulho de seu Partido.

A DEMOCRACIA E A REVOLUÇÃO

O debate sobre a questão da democracia em nosso País e, especialmente, em nosso Partido, tem se processado de maneira desfocada, primitiva e despolitizada. A confusão é tão grande que possibilita todo tipo de oportunismo: tanto fascista quanto ultra-esquerdista, todos se consideram democratas. Para se ter uma idéia, até mesmo o golpe militar de 1964 foi desfechado sob o pretexto de restabelecimento da democracia. No fundo, essa confusão é não só deseducativa como também desqualifica, perante as massas, a questão democrática se transforma num fetiche ou melhor, numa panacéia para todos os gostos. Mas se aprofundarmos um pouco mais a questão, veremos que a confusão é premeditada e serve a interesses bem determinados, uma vez que a desmoralização da democracia atrasa todo o processo de compreensão de nosso povo sobre essa questão estratégica, dificultando, dessa forma, a formação e consolidação de uma cultura verdadeiramente democrática em nossa sociedade.

Além disso, por trás da aparente confusão, há uma luta ideológica muito grande entre as várias classes sociais para hegemonizar para si o conceito de democracia. Neste sentido, procuraremos destacar quanto vertentes básicas: a mais primitiva é a da extrema direita. Mesmo operando na democracia, participando das regras do jogo, não perdem oportunidade em golpeá-la, tanto que sua propaganda analisa que a raiz dos problemas nacionais está na "anarquia" e "liberdade exagerada". De outro lado, a extrema esquerda e parte da esquerda dogmática e golpista vêem a democracia de maneira utilitarista, e a entendem como um instrumento que servem apenas para a apresentação formal no capitalismo. Essas correntes, ao entenderem a democracia apenas como uma questão tática, amesquinham a questão democrática e, na prática entregam a bandeira da democracia às forças que querem-na apenas nos seus aspectos formais.

A centro-direita, ou os capitalistas mais esclarecidos participam dessa luta ideológica de maneira mais esperta. Ao longo dos anos vem procurando (às vezes com bastante êxito) ligar a questão democrática aos valores burgueses, ou melhor, confundir a democracia com o regime capitalista. Sem maiores interesses em aprofundar a discussão sobre a essência da questão, procuram associar tudo aquilo que não faz parte da ordem burguesa como arbitrário e totalitário, visando com isso perpetuar seus privilégios e o sistema do qual fazem parte. Todavia, a associação entre democracia e capitalismo não resiste a uma análise mais séria. A experiência histórica tem nos ensinado que não existe regime sem conteúdo de classe, nem Estado neutro. Por mais que a burguesia tente disfarçar seu controle do Estado pelas mediações da burocracia, não poderá esconder que todo o esquema coercitivo do Estado está, fundamentalmente, a serviço dos seus interesses estratégicos. As concessões que são feitas ao povo, tratam-se na verdade de conquistas efetivadas em lutas renhidas no interior da sociedade. Assim mesmo, depois de conquistadas as reivindicações, é necessária uma vigilância constante para que as conquistas não se transformem em letra morta, afinal o capitalismo não tem compromisso com a justiça social.

Uma quarta posição, entre a qual se inclui a PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA, tem a democracia como valor estratégico, não só na luta anticapitalista, mas também no socialismo. Dessa forma, valorizamos todas as liberdades democráticas conquistadas no regime capitalista, bem como suas instituições, porque entendemos que quanto mais democracia tivermos e pudermos praticar, maiores condições terá o nosso povo na luta pela nova sociedade. Além disso, entendemos que as liberdades democráticas não são dádivas da burguesia, mas fruto de uma história longa de todos os povos na luta pela sua emancipação social e política. Cremos ainda que os institutos democráticos construídos no capitalismo, poderão ganhar um novo caráter, à medida em que se vá fortalecendo a organização do povo e forçando transformações de baixo para cima. Em outras palavras estamos reafirmando a tese de que é possível, no interior do velho regime, criar-se os instrumentos da nova ordem.

Com esse entendimento, é que valorizamos muito a luta Parlamentar, apesar de sabermos de suas limitações. Acreditamos sinceramente que é perfeitamente viável a ação combinada no Parlamento com a luta social. Dito de outra forma: ao mesmo tempo que procuraremos construir no interior da sociedade uma poderosa rede de organizações populares e democráticas, com influência cada vez maior nos destinos do País, também buscaremos conquistar um Parlamento com novo caráter e que vá refletindo de maneira mais explícita a nova correlação de forças na sociedade. Para sermos mais claros, não abdicaremos de nenhuma frente de luta e em todas procuraremos valorizar os seus aspectos universais positivos, como também buscaremos dar-lhes uma expressão que seja a mais próxima dos interesses populares.

Com essa compreensão, queremos nos diferenciar de maneira clara da velha esquerda golpista e dos sociais-democratas. Essas duas vertentes, com presença marcante no interior do PCB, têm contribuído tanto para a limitação da criatividade do marxismo, quanto para sua desmoralização. Em termos mais globais, queremos nos diferenciar tanto daqueles que, mesmo com as melhores das intenções, produziram uma ordem social e política que estagnou o marxismo, quanto daqueles que se conformaram em ser apenas bons gestores do sistema capitalista, sob o verniz da social-democracia.

No interior do PCB, a PLATAFORMA DA ESQUERDA SOCIALISTA quer também deixar clara a sua divergência com a velha burocracia, que não consegue formular corretamente a questão e termina transformando a democracia num instrumento gelatinoso, confuso, capaz de justificar todas as posições. Ao não precisar cientificamente a questão, não só desorientam o Partido, como jogam a democracia na vala comum das generalidades abstratas. Da mesma forma, os sociais-democratas fantasiados de modernos repetem mecanicamente (numa cópia grosseira) esquemas teóricos de origem européia, sem levar em conta as especificidades da sociedade brasileira e do sistema capitalista aqui instaurado.

Sem colocar em xeque a ordem burguesa, os sociais-democratas querem ser apenas "parceiros conflituos do capital", numa democracia sem grandes lutas de classes e com apenas algumas reformas de fachada. Outros chegam mesmo a dizer que a luta de classes no estágio atual da humanidade é coisa secundária, pois o que está na ordem do dia é a preservação do gênero humano da catástrofe nuclear. Existem ainda aqueles que envergonhados diante de toda a história do movimento operário, falam em um socialismo nebuloso e longínquo, a ser conquistado pura e exclusivamente via Parlamentar.

As duas correntes (a velha burocracia e os sociais-democratas) têm a compreensão do processo de mudanças de cabeça para baixo e, com sinais trocados, refletem a falta de perspectivas no socialismo.

Nós, da ESQUERDA SOCIALISTA, compreendemos que, àqueles que já não mais acreditam na luta de classes e desejam apenas ser parceiros conflituos da burguesia, não resta outra saída a não ser assumir plenamente essa posição em outros partidos mais afeitos a esse discurso. No entanto, queremos combater a concepção oportunista de que chegaremos ao socialismo somente pela via parlamentar. Essa é uma concepção que não tem nada a ver com as categorias marxistas: é evolucionismo puro e simples e não dialética. Num País com os contrastes sociais do Brasil, onde a maioria do povo vive na miséria absoluta, com uma elite retrógrada incapaz de promover sequer as reformas clássicas já realizadas no Primeiro Mundo, a democracia só poderá ser conquistada plenamente tendo por base um amplo movimento de massas organizado, combativo, autônomo e capaz de, aliando todas as forças de luta, em todas as frentes, derrotar a política e institucionalmente a reação e realizar a revolução social e política em nosso País.

Por isso mesmo, entendemos que a democracia pela qual lutamos deve ter qualificações, sob pena de debatermos no abstrato ou realizarmos apenas exercício de diletantismo. A democracia que queremos tem um conteúdo de classes muito claro: não se trata apenas de democracia formal, jurídica, mas também da democracia econômica e social, justamente a que dá qualidade à democracia formal. Em outras palavras, estamos lutando por uma democracia que incorpore os valores positivos da democracia liberal (eleições, Parlamento, instituições jurídicas, etc.) e alargue esses direitos para que as massas tenham mais liberdade de organização, manifestação e atuação política, processo que será combinado com transformações sociais profundas.

Essa democracia não será conquistada pela via evolutiva, mas por uma guerra de posições diária no interior da velha sociedade, de forma que o movimento social tenha cada vez mais presença na sociedade e peso nas decisões governamentais. Chegaremos dessa forma a uma dualidade de poderes, quando então o movimento popular fará a ruptura revolucionária e iniciará a construção de uma nova ordem econômica, social e política, elevando a democracia e o Estado a um novo patamar.

